

TRIBO HI-TECH

a antropóloga karla fohrbeck quer aliar cultura e informatização

BERNARDO CARVALHO

Mesmo com toda a flutuação de valores característica das sociedades pós-industriais, algumas velhas idéias continuam emergindo de vez em quando no meio da mais alta tecnologia. É uma dessas idéias que trouxe a antropóloga alemã Karla Fohrbeck ao Brasil, a convite da Unicamp e da Fapesp, para um "workshop" na última quinta, com o tema "A Tecnologia Contemporânea e as Novas Configurações Econômico-Culturais", e uma palestra na ECA-USP no próximo dia 24. Consultora do projeto "Leonardo" Mediapark —um complexo de tecnologia de comunicação de ponta para as mais diversas atividades, sendo construído em uma área de 200 mil metros quadrados no centro de Colônia, Alemanha Ocidental—, Fohrbeck veio buscar aqui "a diferença", veio entender o "microcosmo do pensamento brasileiro, porque na Europa há uma maneira muito sistemática de ver as coisas, enquanto no Brasil ainda há um espírito de anarquia e experimentação".

Um novo rousseauismo? Provavelmente —já que em breve não restará mesmo ao Terceiro Mundo nenhum outro interesse além da extrema diferença em relação aos países hiper-informatizados. E a Alemanha é uma espécie de celeiro para esse tipo de pensamento (verde, alternativo, uma volta às fontes). O objetivo de Fohrbeck, porém, não é de jeito algum uma negação da tecnologia e do desenvolvimento. Ele se resume a introduzir a dimensão cultural, uma dimensão humana, num projeto de alta tecnologia. É o que diferencia o Mediapark de Colônia de outros chamados telepor-tos (centros de tecnologia avançada em comunicações), como os de Tóquio, Osaka ou Nova York, preocupados quase que exclusivamente com o "hardware" (o desenvolvimento de circuitos extremamente velozes de informação para indústrias, bancos e empresas).

O Mediapark foi concebido como algo bastante... seu valor? Num mundo onde ela se esvai no mercado, onde a ciência parece ser o último reduto de uma criação possível? "Procuro argumentos que mostrem a esses discursos mecanicistas que condenam a arte a ser apenas algo material, um negócio, que é preciso voltar ao valor da arte, ao valor espiritual, de energia, que se encontra por trás do desenvolvimento."

Assim, o projeto "Leonardo" tenta recriar dentro de um complexo de alta tecnologia um espírito renascentista, onde a arte seria um dos motores das mudanças e das rupturas até mesmo industriais, estando na base do processo de abertura das sociedades para novas percepções. "Você não poderia ter introduzido novos termos de relatividade entre tempo e espaço se os artistas não tivessem esclarecido as cabeças das pessoas em termos de percepção, se não tivessem descongestionado a percepção, acostumada a tantos ornamentos, e limpo a estética."

Não há dúvida de que o Mediapark acaba sendo

tecnocrático, pelo menos no começo, apenas para a grande indústria de alta tecnologia e de comunicação. Queriam a cultura apenas como recreação, uma atividade secundária, diletante. Tentamos persuadir os responsáveis pelo projeto, as autoridades municipais, de que a cultura é uma fonte para o desenvolvimento em si mesma." Para Fohrbeck, e aí está a tese central de seu trabalho, o "segredo europeu, algo que parece nunca ter sido realmente entendido, foi fazer da cultura um estímulo vital para o desenvolvimento e o progresso da humani-

dade" —inclusive no que diz respeito à tecnologia.

Esse segredo, entretanto, que para ela está na base da cultura européia, parece estar em vias de desaparecimento e é o que tenta alertar e contra o que tenta reagir a antropóloga. Mas isso acaba acarretando alguns problemas que Fohrbeck não chega a resolver. Por exemplo, como manter o velho binômio arte/tecnologia (que remonta a Leonardo da Vinci —aliás, patronímico do parque de Colônia— e aos movimentos estéticos do século 19) num mundo onde a arte perde gradativamente

A antropóloga alemã Karla Fohrbeck, consultora do projeto Mediapark (um complexo de tecnologia...

um dos projetos culturais mais interessantes deste fim de século, visto principalmente os recursos que estão envolvidos. O problema, mais uma vez, é saber até que ponto iniciativas institucionais ou de gerenciamento cultural, como é o caso, são capazes de promover de fato uma arte de verdade e mesmo em que medida qualitativa as novas media modificam os resultados e efeitos estéticos.

Fohrbeck não se arrisca a uma resposta. Sua meta se atém à tentativa de reinstaurar, dentro do sistema fechado e burocrático das novas tecnologias, novos tipos de relação, por vezes microscópicos, em que seja possível a criação e a criatividade. "Quase todas as batalhas no mundo de hoje tendem a ser batalhas espirituais. Voltam os movimentos religiosos e esotéricos, os movimentos regionalistas, o Islã torna-se um forte opositor ao pensamento ocidental. Por um lado a dimensão imaterial ganha grande importância, por outro o "hardware" se desenvolve mais e mais. É essa mudança que é preciso compreender; não ignorar o

lado imaterial. De uma visão de mundo material, que aprendemos na escola e que se perde hoje, passamos a uma nova concepção da biologia, da física e da matemática, onde a materialidade deriva da energia, onde a fonte da matéria é a energia."

Fohrbeck também não ignora a flutuação de valores nas artes —"numa certa função há uma modificação. Os artistas se voltam hoje à religião e às fontes espirituais e quase não produzem. O mercado devora tudo e numa velocidade enorme. Os artistas não são mais artistas." Mas o difícil é aceitar um discurso "espiritualista" como esse numa época em que a neurobiologia, por exemplo, tenta sobrepor-se à psicanálise, onde um "homem neuronal" —para o qual todas as representações humanas teriam uma inscrição concreta, cerebral— ameaça substituir o homem psíquico do século 20. O discurso de Fohrbeck acaba se mostrando como uma simpática forma de luta contra todo tipo de tecnocracia. Mas corre o risco de cair na mesma fragilidade demonstrada até hoje pelos humanismos.

Marcelo Zecchin



... de ponta, em Colônia), veio ao Brasil para participar de um "workshop" sobre "a tecnologia contemporânea e as novas configurações econômico-culturais"